

MONUMENTO NACIONAL RUÍNAS ENGENHO SÃO JORGE DOS ERASMOS:

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E AMBIENTAL COMO CHAVE DA PRESERVAÇÃO

VERA LUCIA AMARAL FERLINI, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO,
SÃO PAULO, BRASIL.

Professora Titular de História Ibérica do Departamento de História da FFLCH/USP. Presidente da Comissão Gestora da Cátedra Jaime Cortesão da FLCH/USP/Instituto Camões. Foi diretora do Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos de 2010 a 2018.
E-mail: veferlin@usp.br

RODRIGO CHRISTOFOLETTI, UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA,
SÃO PEDRO, MINAS GERAIS, BRASIL.

Professor de Patrimônio Cultural no Departamento de História da UFJF. Foi educador da Universidade de São Paulo nas Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos de 2004 a 2016.
E-mail: r.christofoletti@uol.com.br

BEATRIZ PACHECO JORDÃO, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO,
SÃO PAULO, BRASIL.

Professora do Instituto de Biociências da USP. Desde 2018 é diretora do Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos.
E-mail: bpjordao@ib.usp.br

ANDRÉ MÜLLER DE MELLO, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO,
SÃO PAULO, BRASIL.

Biólogo e educador da Universidade de São Paulo nas Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos. Atua como educador ambiental em programas de uso público de áreas protegidas, bens culturais e museus. É professor do Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza" e integra as redes de Educação Ambiental da Baixada Santista.
E-mail: bioandre2002@yahoo.com.br

DOI

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v14i27espp280-299>

MONUMENTO NACIONAL RUÍNAS ENGENHO SÃO JORGE DOS ERASMOS: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E AMBIENTAL COMO CHAVE DA PRESERVAÇÃO

VERA LUCIA AMARAL FERLINI, RODRIGO CHRISTOFOLETTI, BEATRIZ PACHECO JORDÃO,
ANDRÉ MÜLLER DE MELLO

RESUMO

O uso qualificado de bens culturais e a sua conseqüente preservação constituem-se em grandes desafios para governos e comunidades neste início de século. As estratégias culturais de salvaguarda dos patrimônios foram cada vez mais desafiadas pelo jogo plural de uma nova perspectiva histórica. Em nossos dias a reconstituição sistemática de modos de vida de uma época anterior, através de espaços e trocas sociais converte o campo da memória em teatro preferencial de uma busca objetiva de conhecimento. As ruínas do antigo Engenho São Jorge dos Erasmos, monumento nacional dos mais relevantes, atualmente categorizado como museu universitário a céu aberto, constitui complexo arquitetônico único em território brasileiro. Além disso, transformou-se na última década em patrimônio diferenciado, abarcando múltiplos campos de conhecimento. O remanescente do antigo engenho encontra-se em lugar privilegiado, como bem tombado nas instâncias federal (1963), estadual (1974) e municipal (1990). Este texto discute as ações educativas realizadas ao longo dos últimos 15 anos neste espaço e sinaliza os projetos que ajudaram a consolidar sua vocação pedagógica.

PALAVRAS-CHAVE

Engenhos de açúcar. Patrimônio arqueológico. Educação ambiental.

THE BRAZILIAN MONUMENT RUÍNAS ENGENHO SÃO JORGE DOS ERASMOS: HERITAGE AND ENVIRONMENTAL EDUCATION AS A KEY TO PRESERVATION

VERA LUCIA AMARAL FERLINI, RODRIGO CHRISTOFOLETTI, BEATRIZ PACHECO JORDÃO,
ANDRÉ MÜLLER DE MELLO

ABSTRACT

The qualified use of cultural goods and their consequent preservation constitute major challenges for governments and communities at the beginning of this century. Cultural strategies to safeguard heritage have been increasingly challenged by the plural games of a new historical perspective. In our days, the systematic reconstitution of the lifestyles of previous ages through spaces and social exchanges turns the field of memory into the preferential theater of an objective search for knowledge. The ruins of Engenho São Jorge dos Erasmos, a Brazilian monument of crucial importance, currently categorized as an open-air university museum, constitutes a unique architectural complex in national territory. Moreover, the ruins have become a differentiated heritage in the last decade, covering multiple fields of knowledge. The remnants of the old mill are in a privileged place, as well protected in the federal (1963), state (1974) and municipal (1990) instances. This article discusses the educational actions conducted over the last 15 years in this space and indicates the projects that have helped to consolidate its pedagogical capabilities.

KEYWORDS

Sugar mills. Archaeological heritage. Environmental education.

- Ô tio: *entre os raios de sol e a sombra da pedra, o que é um engenho?*
- *Como assim?*
- *Caramba tio, o senhor não sabe nada que a gente pergunta.*
- *Pense assim: são as perguntas e não as repostas que movem a curiosidade.*
- *É! Estou curioso para saber qual a próxima pergunta que o senhor não vai saber responder.*
- *Ah, já sei: entre os raios de sol e a sombra da pedra o engenho é a linha que une os dois, a chave mestra que abre portas emperradas...*
- *Aí sim, tio, agora o senhor tá falando a língua da gente.*
Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos, verão de 2015

1 INTRODUÇÃO

O diálogo reproduzido acima, baseado em situação real, sinaliza as diversas possibilidades de interpretação desse espaço, pela lente de uma nova geração acostumada a estabelecer conexões entre o que está aprendendo e seu imaginário. É na intersecção desses dois mundos (aprender e imaginar), território de questionamentos sem respostas fáceis, que o Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos (RESJE) vem se notabilizando, ao longo dos últimos quinze anos, como ambiente em que a prática das indagações se tornou uma constante. Este sítio arqueológico

tornou-se, atualmente, lugar que instiga a curiosidade e a reflexão. Seja pela potencialidade arqueológica ainda não explorada em sua totalidade, seja pela pouca sistematização documental existente sobre a história desse antigo engenho de açúcar, as perguntas ainda sem respostas são hoje seu maior vetor de qualificação, ao passo que o conhecimento já consolidado sobre esse patrimônio é seu maior tesouro.

Visto de longe, o antigo prédio em ruínas chama a atenção. O sol do leste que ilumina partes das ruínas deixa à mostra um lugar fascinante. O amanhecer emoldura o contorno da mata contígua e dos prédios residenciais vizinhos ao espaço e os primeiros raios rompem a silhueta das paredes centenárias, evidenciando o traçado intrigante dos alicerces e rochas disformes que alertam: este não é um lugar comum. Alunos de uma escola pública mostram-se estimulados com a ideia de que aquelas paredes possuam quase cinco séculos. Ao longo da visita mediada, um deles questiona: por que essa parede é tão grossa? O que é aquele buraco quadrado no chão? Como viviam naquela época? O que é, afinal, esse lugar? A evidência física mais antiga da presença portuguesa no país é, hoje, palco de ações preservacionistas.

As ruínas do antigo Engenho São Jorge dos Erasmos, monumento nacional dos mais relevantes, atualmente categorizado como museu universitário a céu aberto, constitui complexo arquitetônico único em território brasileiro. Além disso, transformou-se na última década em patrimônio diferenciado, abarcando múltiplos campos de conhecimento. O remanescente do antigo engenho encontra-se em lugar privilegiado, como bem tombado nas instâncias federal (1963), estadual (1974) e municipal (1990).

Pesquisadores deste antigo engenho de açúcar atestaram, ao longo das últimas cinco décadas, diversas características que aludem à sua excepcionalidade enquanto representante icônico da conexão étnico cultural ameríndio/europeia/africana¹. Estão presentes na história deste monumento elos representativos de um período que anunciou o Mundo Novo, momento de profundas transformações envolvendo velhos e novos saberes, distintas

1. Ferlini, Rodrigues, Laga, Stols, Katinsky, Lourenço, Anjos, Muers, Andreatta, Morais, Cordeiro, Geanpaulo e outros têm dinamizado e potencializado as pesquisas sobre o Monumento Nacional RESJE. Grande acervo de trabalhos acadêmicos tem, nas últimas décadas, ampliado substancialmente as bases sobre as quais compreendemos a trajetória deste empreendimento econômico significativo.

terras e diferentes povos. Nesse sentido, os engenhos aparecem como os primeiros núcleos urbanos de povoamento regular (CORDEIRO, 2007, p. 11; FERLINI, 1989, p. 45; SCHWARTZ, 2010, p. 98) instituindo as bases da formação econômica e social brasileira em princípios do século XVI.

Das informações que dispomos sobre a trajetória mais recente deste empreendimento², consta que em 1943 os terrenos com as ruínas foram adquiridos por Otávio Ribeiro de Araújo, doando-os à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, no ano de 1958. No mesmo ano, Luís Saia, chefe do 4º Distrito da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, relatou ter realizado prospecções no local concluindo tratar-se de partido arquitetônico de “modelo açoriano, tipo real e movido à água” (SAIA, 1958).

De 1958 até a década de 1990 ocorreram poucas ações efetivas de preservação, mas, em princípios dos anos 2000 nova compreensão dotou as Ruínas de equipe que passou a elaborar programas educacionais para múltiplos públicos. Quatro décadas de invisibilidade deram lugar a processo de práticas preservacionistas. Apresentaremos a seguir, breves comentários sobre as práticas pedagógicas pelas quais passou o programa de preservação do bem, destacando alguns dos projetos de educação patrimonial/ambiental implantados.

Ao longo da trajetória do setor educativo, filiamo-nos criticamente a algumas metodologias que à época nos pareceram técnica e socialmente adequadas³. Neste período, os modismos nunca “fizeram muito a nossa cabeça”, o que nos incentivou a caminhar como *outsiders*, criando um

2. Com exceção dos achados arqueológicos realizados entre as décadas de 1990 e 2000, coordenados pelos professores Margarida Andreatta, hoje no Museu Paulista (MP-USP) e José Luiz de Moraes, do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

3. Exemplos recentes de fóruns de discussão bem-sucedidos no âmbito da Universidade de São Paulo são os capitaneados pela Rede Paulista de Educação Patrimonial (Repep), criada pela geógrafa Simone Scifoni, cujas primeiras reuniões tiveram a participação do setor educativo das Ruínas Engenho, que colaborou com as discussões desde sua fundação, aprimorando a relação teórico-prática sobre a ação patrimonial em museus e espaços congêneres. Outra iniciativa foi a criação do Grupo de Educativos dos Museus e Acervos da USP (Gema) que de 2006 a 2010 atuou em museus, acervos e demais programas educativos e de extensão cultural da Universidade de São Paulo, reunindo-se sistematicamente no intuito de refletir sobre questões comuns inerentes aos trabalhos desenvolvidos em seus respectivos espaços de educação. Dentre as expectativas principais deste grupo destacamos o mapeamento das atividades desenvolvidas nos diversos espaços educativos de museus e acervos; a elaboração de uma política cultural dos educativos dos museus; o aprofundamento da fundamentação teórica que norteava os serviços de receptivo e produção de conhecimento e a criação de linhas de conduta para atendimento de públicos distintos.

modo de agir próprio em nossas experiências. Sobretudo, porque em muitos casos, as premissas que norteavam nossas ações estavam de certa forma, diluídas nas bases já consagradas no campo da preservação patrimonial, com ênfase na proposta inclusiva e protagonista: documentos como as cartas patrimoniais, as recentes manifestações de politização da ação pedagógica, dentre outros modelos que serviram de subsídios para nossas ações nas Ruínas Engenho, foram o nosso esteio, mas não nossos limites.

Cabe registrar que dos trabalhos pioneiros e consagrados na área, alguns estabeleceram diálogo com as atividades desenvolvidas pela equipe educativa do bem. Desses destacamos: Barreto *et al.* (2007), Chagas (2002), Grunberg (2007), Horta, Grunberg e Monteiro (1999), Lourenço (1999, 2000, 2006), Marandino (2008, 2010) Meneses (1994); Scifoni (2014) e a série de brochuras editadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) nos últimos anos⁴. Compreendemos que a prática pedagógica e o repertório necessários para o envolvimento do interlocutor na equação ensino/aprendizagem, devam antes, ser um processo específico que leve em consideração a sensibilidade educativa e a potencialidade que o espaço dispõe.

Longe de nos preocuparmos com a quantificação de visitantes, a *catracalização* do bem, compreendemos que os mais de dez mil visitantes/ano dessas ruínas configuram quantidade significativa, pois cada um desses visitantes jamais foi visto como um número. As visitas prévias dos profissionais da educação, anteriormente à presença dos alunos (um dos diferenciais substantivos de nossa prática educativo-patrimonial) fortaleceu-se ao longo dessa última década como a grande motivadora do trabalho coletivo, uma vez que esta etapa construía coletivamente o protagonismo do aluno e do espaço: duas pontas de um processo contínuo de diálogo. Dessa maneira, assim como as crianças das visitas matutinas ou vespertinas se encantam com as possibilidades de interpretação sobre o que seria essa antiga fábrica de açúcar, os questionamentos continuam a iluminar as pesquisas e a ação pedagógica do bem cultural. Mas, qual o raio de abrangência dessa luminosidade?

Este processo de modificação e ampliação constantes de nosso olhar sobre os monumentos culturais/naturais sedimentou a possibilidade de sua preservação a partir, especialmente, de um conjunto de relações e memórias

4. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343>. Acesso em: 5 ago. 2019.

coletivizadas, permitindo-nos enxergar relações interessantes entre bens culturais diversos. De maneira abrangente, os resultados alcançados ao longo da última década reproduziram a união de forças em prol de uma meta significativa: tornar as ruínas deste antigo engenho de açúcar um local de preservação, espaço público de fruição, aprendizado e identidade, respeitando suas capacidades e colaborando para que os esquecimentos do passado não reproduzam mais a negligência, o abandono e a perda de suas histórias.

Para tanto, o Monumento Nacional Engenho São Jorge dos Erasmos tem procurado estabelecer agendas que busquem: a) valorizar a diversidade social e cultural brasileira em sua heterogeneidade e complexidade; b) permitir o acesso de todos aos direitos e benefícios gerados pela preservação deste, promovendo apropriação simbólica e uso sustentável dos seus recursos patrimoniais; c) potencializar seu acervo como fonte de conhecimento para o desenvolvimento das ações de preservação; d) refletir sobre como dado bem cultural pode ser apreendido por distintos públicos, não como algo reificado, petrificado pela ação do tempo, mas como espaço qualificado, produtor de conhecimento; e) qualificar as Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos como monumento capaz de discutir o presente, através das memórias que encerra, oferecendo às comunidades a chance de compreender a História, não como ciência presa ao passado, mas como transformadora da dinâmica social.

Todo ato de educação patrimonial é por definição um ato político. Este local, portanto, afirma-se como parte da rede de instituições congêneres que formam os “territórios de espaços educativos” (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2014, p. 24) da região, procurando por meio de cooperações técnicas e convênios com prefeituras, universidades, fundações, e associações as mais diversas⁵, somar esforços e dividir responsabilidades. Pode-se inferir que os resultados

5. Prefeitura Municipal de Santos; Prefeitura Municipal de São Vicente; Rede de Educação Ambiental da Baixada Santista (Reabs); Universidade Católica de Santos (UniSantos); Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza; SESC Santos; Reserva da Biosfera do Cinturão Verde de São Paulo (RBCVSP); Fundação Arquivo e Memória de Santos (Fams); Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (Iphan), Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico, Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat); Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico de Santos (Condepasa); Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES); Fundação Vanzolini; Fundação Museu do Homem Americano - PI; Fundação Joaquim Nabuco/Engenho Massangana; dentre outros.

alcançados nestes doze anos de atividade fortaleceram-se nas sólidas parcerias que nortearam e engendraram sua preservação e, nesse sentido, o processo educativo interdisciplinar é a *pedra de toque* que nos ensina o respeito à diferença e a valorização da diversidade.

2 A VISITA MEDIADA: ENTRE O EFÊMERO E O PERMANENTE

É na moldura da modernidade que o museu se enquadra como palco, tecnologia e nave do tempo e da memória. Como palco, ele é espaço de teatralização e narração de dramas, romances, comédias e tragédias coletivas e individuais; como tecnologia, ele constitui dispositivo e ferramenta de intervenção social; como nave, ele promove deslocamentos imaginários e memoráveis no rio da memória e do tempo.

(Mario Chagas, 2005)

Como nos alerta (MARANDINO, 2008, p. 20): o tempo no museu é breve. O tempo, durante uma visita ao Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos também pode ser fugidio. Em alguns casos, o visitante vem ao bem cultural pela primeira vez e não sabemos ao certo quando ou se voltará. Caso seja um morador da cidade, temos uma chance de convencê-lo a voltar. Se for de longe, as chances de retorno são menores. Caso tenha vindo com a escola, desejamos que retorne ao final de semana ou nas férias, com a família. Mesmo episódico, há muito planejamento para o jogo de comunicação estabelecido.

Como sítio arqueológico, contendo remanescentes quinhentistas de um engenho de açúcar, podemos dizer que em muitos momentos as próprias ruínas são o objeto principal da visita. As ruínas, no entanto, por si só, não promovem leituras independentes, interativas. No caso de crianças, tais leituras dependem de referências que podem naturalmente ser poucas, ou ainda frágeis. Faz-se necessário material de suporte que auxilie a criação de significados para as ruínas, catalisando apropriações de aspectos históricos, sociais, técnicos, artísticos e científicos.

O discurso expositivo é fruto de adaptações e transformações de vários outros (científico, educacional, comunicacional, museológico, patrimonial) determinados pelas finalidades e objetivos da visita e também pelas especificidades de tempo, espaço e objetos nas ruínas que, por sua vez, configuram

linguagem específica de comunicação com o público (SIMMONEUX; JACOBI, 1997). As etapas de recepção devem ser atentamente planejadas, para evitar cansaço e viabilizar liberdade na mediação proposta. Há artefatos arqueológicos que buscam dar significado às ruínas, como exposições temporárias com temáticas diversas, maquetes, totens interativos.

Tal comunicação resulta da renovação constante dos parâmetros que somos capazes de estabelecer entre processos educacionais, as diversas concepções sobre educação patrimonial, ambiental, científica e conservação do patrimônio. Dentre os mais prementes, vale citar: a) o conhecimento que temos de nosso público e nossa capacidade de elaborar atividades didáticas partindo de suas expectativas, levando em conta as especificidades da dinâmica cultural local. O público visitante é protagonista dos processos de comunicação no bem cultural, como no modelo de *continuum* de Einsiedel Jr. e Einsiedel (2004); b) é premente atualizar nossa concepção de patrimônio e sua relação com modelos de desenvolvimento socioeconômico, como mecanismos de valorização da diversidade regional e da identidade nacional; c) a reflexão acerca das bases/instrumentos legais, políticas públicas, documentos normativos e marcos conceituais⁶.

Tratando-se do mais antigo remanescente histórico-arquitetônico da presença europeia no Brasil, o local oferece a possibilidade de investigação e conhecimento acerca dos primórdios da formação/conquista do território da colônia, ao longo do século XVI. No entanto, o que está em jogo com a visita, dia após dia, é uma dinâmica ainda mais sutil e desafiadora. Desejamos que o visitante guarde anseio de retornar, alimentado pela sensação de novas descobertas.

É fundamental que ele se perceba pertencente a esse local, espaço agregador que promove memórias. Se for uma criança, esperamos que a investigação histórico/ambiental, a prática arqueológica e os esforços de conservação lhe sejam instigantes. Se adulto, esperamos que perceba ser este espaço de execução de políticas públicas eficazes de preservação e produção de conhecimento: palco vivo de ações afirmativas, levando a cabo propostas educativas realizadas com atenção e sensibilidade. Seja criança ou adulto, é

6. Dentre os quais podemos destacar: Política Nacional do Patrimônio Cultural; Programa Nacional de Patrimônio Imaterial; Cartas Patrimoniais; Diretrizes Curriculares Nacionais; Programa Nacional de Educação Ambiental, dentre outros.

desejável estarem convencidos de que podem voltar inúmeras vezes, para diferentes atividades, longe do desestímulo de encontrar repetições. Enfim, o objetivo do usufruto e da preservação será alcançado se, ao final da visita, se formar um sentimento de orgulho desse local, bem da USP, universidade pública que detém sua guarda.

3 MEDIAR É REFAZER PONTES: PROGRAMAS E PROJETOS COMO ESTEIO DA PRESERVAÇÃO

Os relatos de lugares são bricolagens. São feitos com resíduos ou detritos do mundo.

(Michel de Certeau, 1994)

A consolidada produção acadêmica do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Não Formal e Divulgação em Ciência da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo⁷, nos últimos anos, resultou em rica e fértil investigação que reflete o papel dos educadores e mediadores de espaços não formais de educação. Tais reflexões são centrais para a atuação da equipe de educação, pois o mediador é o profissional e a figura chave nos processos de educação e comunicação com o público. Sua função é tornar mais acessível o conhecimento produzido na instituição, “despertando curiosidades, aguçando interesses, promovendo o contato com o patrimônio.” (MARANDINO, 2008, p. 23).

Ao longo da última década, o público visitante do Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos teve crescimento de praticamente 300%, o que demonstra acolhimento por parte da comunidade. Segundo Cury (1999), tal incremento no número de visitantes em espaços de museu resulta em ressignificação do patrimônio cultural e reflexo de maior participação do público nos processos museológicos.

Tal ampliação dos programas e do número de visitantes demandou novas soluções para que o bem cultural pudesse lidar com o público diariamente,

7. O Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não Formal e Divulgação em Ciência (Geenf) foi criado em 2002, vinculado à Faculdade de Educação da USP, na área temática de Ensino de Ciências e Matemática. Dedicar-se ao estudo, à pesquisa, à produção e avaliação de ações e materiais no campo da educação não formal e da divulgação em ciência. O Geenf atua em parceria com diversas instituições museológicas e de pesquisa, nacionais e internacionais, como museus, centros de ciências, zoológicos, jardins botânicos, aquários, entre outros espaços de educação não formal.

enquanto se consolidava como centro de pesquisa, difusão cultural e extensão universitária. Graças a convênio firmado entre a USP e a Universidade Católica de Santos, foi possível a contratação de estagiários. Se por um lado a presença dos estagiários foi crucial para que o bem cultural pudesse atender seu crescente público, novo desafio estava posto: era preciso desenvolver programa permanente de formação dos novos mediadores, jovens graduandos de diversos cursos como História, Biologia, Comunicação, Engenharia Ambiental, Geografia, Filosofia. Os currículos de seus cursos de formação, mesmo no caso das licenciaturas, não preveem as especificidades da relação escola — espaços não formais de educação. Diálogos sistemáticos e exercícios de aprofundamento teórico sobre modelos de processos informacionais em museus tornaram-se cruciais para que a educação patrimonial/ambiental do bem estivesse a salvo de métodos que privilegiassem a apresentação extensiva de conceitos e informações, dando muito peso ao conteúdo.

Sempre nos policiamos para evitar visitas em que se fala demais e se ouve pouco. Ao contrário, assumimos a comunicação em museus como um processo cultural (HOOPER-GREENHILL, 1999) ocorrendo em via dupla, dos especialistas até o público e vice-versa. Sob essa perspectiva, os significados são construídos por meio de processos ativos de negociação de saberes e experiências.

No quadro de nossas preocupações mais legítimas, insere-se a necessidade de compreender a relação entre o patrimônio natural e histórico em dupla abrangência: local/global. A Plataforma Sophia⁸ congrega diversos projetos educacionais tendo como *locus* de atuação a área das Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos e a confluência de suas transformações históricas, sociais e ambientais. A iniciativa possibilita, assim, a união de novos conhecimentos visando o benefício comum.

Identificar, valorizar e compartilhar conhecimento são princípios básicos da Plataforma Sophia, cujo maior objetivo é evidenciar a consciência preservacionista. Busca também incentivar o respeito e o interesse da comunidade pelo

8. A Plataforma de projetos interdisciplinares, base de ação produzida durante a gestão da profa. dra. Maria Cecília França Lourenço (2003-2008) possibilitou que os projetos desenvolvidos no âmbito das Ruínas Engenho possuíssem identidade teórico/prática. A plataforma Sophia leva esse nome em virtude da abrangência que pretende dar às diversas áreas do conhecimento. Sophia: palavra grega que significa *sabedoria*.

bem cultural, garantir a proteção das Ruínas e de seu entorno, evidenciando a responsabilidade de todos na preservação de sua memória, implantando assim, uma rede de ação educacional cotidiana junto à comunidade. Elencamos, a seguir, alguns dos projetos que integram a Plataforma.

As visitas prévias do Projeto VouVolto e as oficinas do Projeto Biodiversidade: a Escola e Seu Entorno são bons exemplos de planejamento conjunto. Durante a visita mediada, esperamos que o público não fique exposto a longos períodos de exposição oral nem submetido à leitura de longos textos. Ao contrário, queremos que tanto alunos (no caso de uma visita escolar) quanto público espontâneo saibam se localizar, tenham liberdade para interagir e dialogar com seus pares e com o mediador (JORDÃO; MELLO, 2015).

O Projeto Biodiversidade: a Escola e seu Entorno, contempla oficinas para o Ensino Fundamental, incluindo atividades educativas baseadas nas categorias de interatividade propostas por Wagensberg (2001) e Hooper-Greenhill (1999). Respectivamente, dosando momentos *hands-on* (em que o toque e a manipulação física são a principal forma de interação), *minds-on* (que enfatizam oportunidades de reflexões e o engajamento intelectual do aluno) e *hearts-on* (através de estímulos emocionais, focando a sensibilidade do estudante); e ao mesmo tempo considerando a comunicação como um processo cultural, dialógico, para a construção de significados, através de processos ativos de negociação de saberes. Alinhado com a Proposta Curricular do Estado de São Paulo e abordando interdisciplinarmente temas transversais, a atividade tem como público-alvo alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental e também valoriza o papel do professor como agente de mediação no bem cultural, estimulando seu processo formativo. O tema biodiversidade foi escolhido por sua pertinência e conexão com a realidade imediata da comunidade escolar⁹.

Outro projeto relevante aborda a acessibilidade/espacialidade do patrimônio como suporte de sua preservação. O Projeto de Valorização Patrimonial financiado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento

9. O remanescente de mata atlântica secundária presente na área circunvizinha à escola e ao bem cultural vem sofrendo invasões e pressões imobiliárias, apesar de localizada na primeira Reserva Internacional da Biosfera criada no Brasil (Unesco, 1991) e declarada, em 1991, Patrimônio Natural Mundial. Bioma com a maior diversidade de vida do planeta, originalmente ocupando 17 estados brasileiros e correspondendo a aproximadamente 1,3 milhão de km², está reduzida atualmente, após 500 anos de ocupação, a 95 mil km² (pouco mais de 7% da extensão original).

Econômico e Social (BNDES) concedeu apoio financeiro à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP, através da Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo (Fusp), para projeto de revitalização e valorização das Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos e mapeamento de sítios histórico/arqueológicos nos nove municípios da Baixada Santista. As obras compreendem a construção de passarelas e torre de observação, além da instalação do sistema de projeção audiovisual para espetáculos de luz e som. A proposta objetiva tornar o espaço mais acessível, sem danificá-lo. A torre/mirante de 16,25m de altura e área total de 546m², bem como as passarelas de acesso permitirão o trânsito de visitantes sem prejuízo do sítio arqueológico, pois evitarão o pisoteamento do lugar. O espetáculo de luz e som (projeção videomapeada) utilizará tecnologia considerada inovadora no país. Quanto ao mapeamento dos sítios históricos e arqueológicos da Baixada Santista, o projeto suprirá estudos sobre os inúmeros sítios arqueológicos semelhantes ao das Ruínas dos Erasmos que estão localizados na região.

Atualmente, o principal programa educativo-cultural da instituição denomina-se Programa Portas Abertas. Destinado a todos os públicos oferece calendário de eventos, cursos de difusão cultural, exposições, saraus, palestras, oficinas, dentre outras atividades. O programa Portas Abertas tem contribuído com as demais ações de salvaguarda e preservação, permitindo que o local seja conhecido por um número cada vez maior de pessoas, tornando este antigo engenho um espaço de profusão cultural.

Na esteira da “emergência da memória” sobre a qual nos fala Pierre Nora (1984), fenômeno global pelo qual grupos sociais e étnicos passam na relação tradicional que têm com o passado, dois ciclos de eventos merecem registro: os Diálogos Interculturais e Com Açúcar, com Afeto: encontros sobre o Doce. Ambos procuram inserir o bem cultural na vida das pessoas e reafirmá-lo como espaço articulado a práticas cotidianas dos visitantes. Propõe-se, desta forma, experiências educativas integradas às demais dimensões das práticas cotidianas.

A diversidade cultural é das mais fortes bandeiras da educação patrimonial comprometida e consciente. Nesse sentido, a proposta dos Diálogos Interculturais é transitar por temas universais, sob a ótica de tradições distintas, reunindo memórias afetivas e sensoriais das celebrações de culturas diferentes, em busca de algo em comum a todas elas. Seguindo recomendação da

Organização das Nações Unidas (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2010) e em consonância com marcos legais e conceituais da Política Nacional do Patrimônio Cultural, os Diálogos Interculturais configuram esforço expressivo de promoção da diversidade cultural. O projeto propõe o diálogo como possibilidade de fortalecer a diversidade das expressões culturais, por meio da autonomia, como antídoto à intolerância e às tensões inerentes aos que compartilham espaços urbanos. Nas duas edições, realizadas entre 2013 e 2015, respectivamente com os temas “Tambores” e “Festas”, o bem cultural recebeu lideranças comunitárias do bairro cigano da cidade, zeladores de tradições quilombolas e indígenas, jovens percussionistas japoneses e exilados políticos do Programa do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR).

Se a diversidade cultural se tornou *parti pris* nas ações de preservação das Ruínas Engenho, o direito à manutenção da memória encontrou terreno fértil no ciclo de encontros denominados Com Açúcar, com Afeto, ocasião em que a metodologia da história oral ganha espaço, pela curiosa linha que une o afeto, os laços de amizade e o doce. Sempre privilegiando experiências locais, os Encontros sobre o Doce já receberam merendeiras aposentadas da cidade, doceiras dos mais tradicionais folguedos juninos da região e até um internacionalmente premiado *chef*, defensor de uma gastronomia que valoriza raízes culturais, ingredientes locais e identidades regionais — no caso, a cozinha caiçara.

Parafraseando Carlos Rodrigues Brandão, ligado ao Projeto Interação do Iphan desde a década de 1980, eventos como os Diálogos Interculturais e os Encontros sobre o Doce buscam “o feixe de relações que ele [o patrimônio] estabelece com a vida social e simbólica das pessoas de agora. O feixe de significados que sua presença significativa provoca e desafia” (BRANDÃO, 1996, p. 51). Memória, identidade, pertencimento e valorização: elementos de uma equação posta em prática no ato incessante de rememorar e patrimonializar. Programas e projetos fizeram desse espaço um laboratório a céu aberto e permanecerá tal como foram concebidos: oferecendo a oportunidade de vivenciar a história como gostaríamos que fosse ensinada: por meio da experiência *in loco*, mudando o foco da resposta para a pergunta.

4 DIÁLOGOS PARA A SALVAGUARDA

O diálogo reproduzido no princípio deste texto sinaliza que o Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos se notabilizou, ao longo dos últimos 12 anos, como um ambiente em que a prática dos questionamentos (por vezes, ainda sem respostas) se tornou uma constante estimulante. Os esforços de aproximação ao longo da última década, sobretudo nos últimos cinco anos, resultaram em práticas preservacionistas (das quais a educação patrimonial/ambiental é um dos maiores trunfos).

Diálogos edificaram uma saudável relação ensino/aprendizagem nos 15 anos de preservação permanentes vividos neste bem. Mediada pelas metodologias plurais da educação patrimonial/ambiental, a ação preservacionista dos setores gestor, administrativo e educativo das Ruínas Engenho encontrou terreno fértil para sua consecução. Conscientes e atentos, acreditamos que a persistência na relativização das ambiguidades e certezas ajudará a consolidar o Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos como um espaço em que as conjecturas sempre estimularão questionamentos legítimos. Em tempos de (in)certezas absolutas podemos criar perguntas sem respostas, mas jamais, respostas sem perguntas, consolidando, assim, processos de preservação patrimonial/ambiental como chave mestra que abrirá as trancas da salvaguarda.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ANDREATA, Margarida Davina. *Projeto de pesquisa interdisciplinar - Engenho São Jorge dos Erasmos: relatório de atividades de prospecção arqueológica*. Santos: Universidade de São Paulo: Universidade Católica de Santos, 1996-1997.

ANJOS, Fernanda Maria Felipe dos. *Engenho dos Erasmos: uma abordagem interdisciplinar do documento na Arqueologia Histórica*. 1998. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

BARRETO, Cristiane Costa et al. *Planejamento e elaboração de material didático impresso para educação a distância*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2007.

BARRETO, Cristiane Costa. Aula 1 - Material impresso como recurso educacional: isso é história? In: BARRETO, Cristiane Costa et al. *Planejamento e elaboração de material didático impresso para educação a distância*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2007. p. 11-30.

BARRETO, Cristiane Costa. Aula 2 - Desenho instrucional em materiais didáticos impressos – boa idéia! In: BARRETO, Cristiane Costa et al. *Planejamento e elaboração de material didático impresso para educação a distância*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2007. p. 31-50.

BARRETO, Cristiane Costa. Aula 6 - Atividades – Praticando a boa prática. In: BARRETO, Cristiane Costa et al. *Planejamento e elaboração de material didático impresso para educação a distância*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2007. p. 115-138.

BARRETO, Euder Arrais et al. (org.). *Patrimônio cultural e educação patrimonial: artigos e resultados*. Brasília, DF: Iphan, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cultura, educação e interação: observações sobre ritos de convivência e experiências que aspiram torná-las educativas. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues et al. *O difícil espelho: limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação*. Rio de Janeiro: Iphan, 1996. p. 77-99.

BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Nacional de Educação Ambiental*. Brasília, DF: MEC, 1994.

CARENA, Carlo. Ruína e restauro. In: LE GOFF, Jacques (org.). *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. p. 107-129.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAGAS, Mario de Souza. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. Chapecó: Argos, 2006.

CHAGAS, Mario de Souza. Museus: antropofagia da memória e do patrimônio. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, DF, n. 31, p. 15-25, 2005.

CHAGAS, Mario de Souza. Cultura, patrimônio e memória. *Revista Museu*, 2005. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2005/3099-cultura-patrimonio-e-memoria.html>. Acesso em: 5 ago. 2019.

CHAGAS, Mário. Educação, museu e patrimônio: tensão, adjetivação e devoração. Iphan, 2002. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/educacao_museu_patrimonio_tensao.pdf. Acesso em: 5 ago. 2019.

CHOAY, François. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHOAY, François. *As questões do patrimônio*. Lisboa: Edições 70, 2009.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo; LEITE, Gilvan. Moto-contínuo: consumo e produção de energia no Engenho São Jorge dos Erasmos. *Revista Leopoldianum*, Santos, v. 2, p. 35-49, 2010.

CORDEIRO, Silvio Luiz. *A paisagem histórica do Engenho dos Erasmos - o vídeo como instrumento educativo na arqueologia do Monumento Quinhentista*. 2007. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CURY, Isabelle. *Cartas patrimoniais*. Brasília, DF: Iphan, 1999.

EINSIEDEL JÚNIOR, Albert A.; EINSIEDEL Edna F. Museum as agora. Diversifying approach to engaging publish in research. In: CHITTENDEN, David; FARMELO, Graham; LEWEINSTEIN, Bruce V. (ed.). *Creating connections: museums and public understanding of current research*. Walnut Creek: Altamira. 2004. p. 145-156.

FERLINI, Vera Lucia Amaral. *A Civilização do açúcar*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

- FERLINI, Vera Lucia Amaral. *Açúcar e colonização*. Organização social no Brasil Colônia. São Paulo: Alameda, 2010.
- FERLINI, Vera Lucia Amaral. *Projeto de valorização patrimonial do Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos*. São Paulo: USP: BNDES, 2012.
- FERLINI, Vera Lucia Amaral. *Terra, trabalho e poder*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- FLORÊNCIO, Sandra Rampim *et al.* *Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos*. Brasília, DF: Iphan, 2012.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. *O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ: Iphan, 1997.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. *Patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- GEAMPAULO, Victor Lordani. *Engenho São Jorge dos Erasmos: aproximações acerca da morte e da vida no complexo açucareiro vicentino (séculos XVI e XVII)*. 2013. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- GRUNBERG, Eveline. *Manual de atividades práticas de educação patrimonial*. Brasília, DF: Iphan, 2007.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vozes, 1996.
- HOOPER-GREENHILL, Eilean. Education, communication and interpretation: towards a critical pedagogy in museums. In: HOOPER-GREENHILL, Eilean. (ed.). *The Educational Role of the Museum*. 2. ed. London: Routledge, 1999. p. 3-27.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília, DF: Iphan, 1999.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Carta de Nova Olinda*. Brasília, DF: Iphan, 2009.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Educação patrimonial no Programa Mais Educação: Fichas do inventário*. Brasília, DF: Iphan, 2013.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Educação patrimonial: histórico, conceito e processos*. Brasília, DF: Iphan, 2014.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Política Nacional do Patrimônio Cultural*. Brasília, DF: Iphan, 2010.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Programa Nacional de Patrimônio Imaterial*. Brasília, DF: Iphan, 2008.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Museu Imperial*. Brasília, DF: Iphan, 1999.
- JEUDY, Henri Pierre. *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

JORDÃO, Beatriz Pacheco; MELLO, André Müller de. Educação para a biodiversidade: possibilidades da relação bem cultural/escola. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 10., 2015, Águas de Lindóia. *Anais [...]*. Bauru: Abrapec, 2015. p.178-196.

KATINSKY, Júlio Roberto. Glossário dos moinhos hidráulicos. In: Gama, R. (org.). *História da técnica e da tecnologia*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

LAGA, Carl. O Engenho dos Erasmos em São Vicente: resultado de pesquisas em arquivos belgas. *Revista de Estudos Históricos*, Marília, n. 1, p. 113-43, 1963.

LE GOFF, Jacques (org.). *Enciclopédia Einaudi*: monumento-documento. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1994. v. 1.

LONDRES, Cecília. Os inventários nas políticas de patrimônio imaterial. In: LONDRES, Cecília et al. (ed.). *Celebrações e saberes da cultura popular*: pesquisa, inventário, crítica, perspectivas. Rio de Janeiro: Funarte, 2004, p. 7-14.

LOURENÇO, Maria Cecília França. A Universidade e seu papel. In: *Bibliotheca Univeritatis*. São Paulo: EDUSP, 2001. v. 2000.

Lourenço, M. C. F. *Museus acolhem moderno*. São Paulo: Edusp. 1999.

LOURENÇO, Maria Cecília França. *Projeto Educacional VouVolto*: Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos. [S. l: s. n], 2006.

LOURENÇO, Maria Cecília França; MELLO, André Muller de; Christofolletti, Rodrigo. Patrimônio e Extensão Universitária. In: Maria Cecília França Lourenço; André Muller de Mello; Rodrigo Christofolletti. (org.). *i- Papo - imaginário e práticas aproximativas do patrimônio*. São Paulo: Imesp, 2007. p. 1-63.

LOURENÇO, Maria Cecília França; REIS FILHO, N. G.; ALMEIDA, M. C. B.; GARCIA, A. C. Patrimônio de desafios. In: *BENS imóveis tombados ou em processo de tombamento da USP*. São Paulo: Edusp, 1999. 223 p.

MARANDINO, Martha. *Mediação em museus*: educação em foco. São Paulo: Feusp, 2008.

MARANDINO, Martha; MONACO, Luciana; OLIVEIRA, Adriano Dias de. *Olhares sobre os diferentes contextos da biodiversidade*: pesquisa, divulgação e educação. [S.l: s.n.], 2010.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, N. Ser. v. 2 p. 9-42, 1994.

MEURS, Paul. History of São Jorge: Europe- The historic documents- Brazil. [Engenho São Jorge dos Erasmos; Santos Preservation Studies, 1990]. *Revista CPC*, São Paulo, n.1, p. 28-47, mar./maio 1990.

MORAIS, José Luiz de. *Engenho São Jorge dos Erasmos estudos de arqueologia da Paisagem*. 1999.

(Projeto de Pesquisa) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

NORA, Pierre (dir.). *Les lieux de mémoire – I. La République*. Paris: Gallimard, 1984.

OLIVEIRA, João Batista Araújo; CHADWICK, Clifton. *Aprender e ensinar*. 5. ed. São Paulo: Global, 2002.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. *Relatório Mundial da Unesco (Segundo): investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural*. Brasília, DF: Unesco, 2010.

PINHEIRO, Adson (org.). *Caderno do Patrimônio Cultural*. Fortaleza: Secretaria Municipal de Cultural, 2014.

POULOT, Dominique. *Uma história do patrimônio no ocidente*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

RODRIGUES, Maria Regina da Cunha. O Engenho São Jorge dos Erasmos: estado atual do problema da preservação das Ruínas e considerações sobre a documentação dos arquivos belgas. *Revista de História*, São Paulo, v. 35, n. 72, p. 591-596, 1967.

SAIA, Luiz. *Notas sobre o processo de restauração do Engenho dos Erasmos, 1958: Pasta Primeiros Processos (1958-1963)*. Santos: Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos. (Documentação do Arquivo Permanente).

SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835*. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCIFONI, Simone. Para repensar a educação patrimonial. In: PINHEIRO, Adson (org.). *Caderno do Patrimônio Cultural*. Fortaleza: Secretaria Municipal de Cultural, 2014.

SIMONNEAUX, Laurence; JACOBI, Daniel. Language constraints in producing prefiguration posters for scientific exhibition. *Public Understand of Science*, v. 6, p. 383-408, 1997.

SIVIERO, Fernando Pascuotte. *Um mapa para outros fazeres: territórios educativos e patrimônio cultural*. Dissertação de Mestrado. IPHAN, 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DissertacaoPEP_FernandoPascuotteSiviero.pdf. Acesso em: 5 ago. 2019.

STOLS, Eddy. Um dos primeiros documentos sobre o Engenho dos Schetz em São Vicente. *Revista de História*, São Paulo, v. 37, n. 76, p. 407-19, 1969.

TOLENTINO, Átila Bezerra (org.). *Educação patrimonial: reflexões e práticas - Caderno Temático 2*. João Pessoa: Iphan, 2012.

UNESCO. *Biosfera da Mata Atlântica*, 1991.

WAGENSBERG, Jorge L. A favor del conocimiento científico (Los nuevos museos). *Revista de Filosofía Éndoxa*, Madrid, n. 14, p. 341-356, 2001.